



O LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA reflexões a partir de Paulo Freire e Milton Santos

Maurício Barbosa Carneiro ¹

Resumo: Esta análise se propôs a compreender os sentidos do Lugar no ensino de geografia a partir das reflexões de Freire (Ideologia e Educação: reflexões sobre a não neutralidade da Educação, 1981; Sobre Educação (Diálogos), 1984; Pedagogia do oprimido, 1987; Educação como prática da liberdade, 2007; Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1996) e Santos (A natureza do espaço, 2012a; Da Totalidade ao Lugar, 2014; Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, 2015). O objetivo principal foi investigar como esses autores retratam o lugar nos seus escritos a partir da abordagem qualitativa. Entende-se que esse lugar precisa se conectar à realidade vivida pelos educandos e que o mesmo se relaciona a outras escalas geográficas, como o espaço e a paisagem. Considera-se que esse mesmo processo de entender o lugar no ensino é uma construção social e histórica diante de uma realidade passível de ser compreendida e transformada. O trabalho baseia-se em pressupostos da teoria da aprendizagem crítica libertadora de Freire e na geografia crítica de Santos, considerando crucial o viés histórico dialético para compreensão dos antagonismos presentes no espaço vivido. Aborda as práticas educativas do ensino de Geografia a partir de uma realidade comum aos sujeitos. Entende que esses sujeitos são capazes de compreender a sua realidade e nela atuar para a transformação do espaço onde vivem. Há, portanto, a necessidade de identificar nos contextos das escolas as diversas geografias do lugar, permitindo a aproximação dos conceitos estudados com a realidade vivida pelos sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Lugar. Freire. Santos.

THE PLACE IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY reflections from Paulo Freire and Milton Santos

Abstract: This analysis aims to understand the meanings of the place in the teaching of geography from the reflections of Freire (Ideology and Education: Reflections on the non-neutrality of Education, 1981; On Education (Dialogues), 1984; Pedagogy of the oppressed, 1987; Education as a practice of freedom, 2007, Pedagogy of autonomy: knowledge needed for educational practice, 1996) and Santos (The Nature of Space, 2012a, From Wholeness to Place, 2014; The main objective was to investigate how these authors portrayed the place in their writings from the qualitative approach. It is understood that this place needs to connect the reality lived by the students and that it is related to other geographical scales, such as space, landscape. He considers that this same process of understanding place in teaching is a historical social construction before a reality that can be understood and transformed. The work is based on assumptions of Freire's critical theory of liberation learning and on the critical geography of Santos, considering the dialectical historical bias crucial for understanding the antagonisms present in the lived space. It approaches the educational practices of the teaching of Geography from a reality common to the subjects. He understands that these subjects are able to understand their reality and act in it to transform the space where they live. There is, therefore, the need to

¹ Mestrando em Ensino na Educação Básica pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - CEPAE/UFG e Professor de Geografia na Rede Municipal de Educação em Formosa - Goiás. E-mail: mauriciouaifsa@gmail.com



identify in the contexts of the schools the different geographies of the place, allowing the approximation of the concepts studied with the reality lived by the subjects.

Keywords: Teaching Geography. Place. Freire. Santos.

INTRODUÇÃO

A transformação do ensino de geografia em direção a uma geografia educadora necessita ser articulada com fatores práticos. É preciso, em tal contextualização, considerar os pressupostos dessa praticidade a partir de dois vieses: a necessidade de se pensar o meio como gerador de aprendizagens vinculadas à teoria crítica libertadora de Freire, e os reflexos que a globalização perversa estabelece nesse meio a partir da geografia crítica de Santos. São lugares onde o dialógico e o relacional estão presentes e, portanto, são meios que precisam estar inseridos no ensino de Geografia.

Paulo Reglus Neve Freire nasceu em Recife, em 19 de setembro de 1921, e faleceu em São Paulo no dia 2 de maio de 1997. Como educador e filósofo, preocupou-se, ao longo da sua trajetória, em entender que o maior objetivo da educação é conscientizar o aluno, levando-o a agir em favor da própria libertação. É considerado patrono da educação brasileira pela sua proposta de uma educação transformadora.

Freire abordou, em suas obras (*Ideologia e Educação: reflexões sobre a não neutralidade da Educação*, 1981; *Sobre Educação (Diálogos)*, 1984; *Pedagogia do oprimido*, 1987; *Educação como prática da liberdade*, 2007; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 1996), a relação entre oprimido e opressor, a educação bancária e a educação popular, a necessária criticidade dos alunos, a dialogicidade entre aluno e professor, a coletividade do saber, entre outros aspectos. Assumiu-se diante das teorias da aprendizagem com uma pedagogia crítica, libertadora. Buscou, no meio ao qual estavam inseridos os educandos, um método que ficou mundialmente conhecido: a alfabetização pelas palavras geradoras, por meio da qual tornava possível “ler o mundo”.

Milton de Almeida Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Bahia, em 3 de maio de 1926, e faleceu em São Paulo em 24 de junho de 2001. Geógrafo de formação, abordou, nos seus textos (*A natureza do espaço*, 2012; *Da Totalidade ao Lugar*, 2014; *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 2015), inúmeros temas, tais com epistemologia da Geografia, globalização, espaço urbano,



entre outros. Em 1994, conquistou o prêmio Vautrin Lud, o Nobel de geografia. Ficou conhecido por apresentar um posicionamento crítico em relação ao sistema capitalista e aos pressupostos teóricos predominantes na ciência geográfica de seu tempo.

Situados historicamente, pode-se afirmar que esses dois autores, em suas respectivas áreas, deram incontáveis contribuições à educação brasileira e mundial. A proposta de estabelecer um diálogo com o Lugar, em suas obras, advém do fato não de abordarem empiricamente a questão, mas de estarem presentes em seu contexto interpretativo.

A teorização de Freire remete a um pensamento dialógico, e essa dialogicidade faz-se presente no Lugar, construído coletivamente por educadores e educandos, tornando-se transformadora ao considerar a leitura da realidade diante do mundo, ao partir da reflexão para a práxis. O lugar dialógico constitui, assim, a capacidade de estabelecer com os sujeitos um vivenciar prático, que considere a sua historicidade, seu contexto sociocultural. Nesse sentido, o diálogo é visto como fenômeno humano, pois, segundo Freire, não há palavra verdadeira que não seja práxis, como ato de criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens. Ele acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas no mundo é o diálogo.

Santos aborda o Lugar em seu aspecto relacional - para o autor, o Lugar se insere no mundo e o mundo se insere no lugar. Nessa perspectiva, o lugar é interpretado como construção social que se estende do global ao local, e revela-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global. As singularidades do lugar serão compreendidas dentro do contexto global. Os lugares devem ser diferenciados não somente por seu ambiente físico, mas pelas respostas humanas às oportunidades e limitações apresentadas pelo ambiente. Assim, o debate sobre o lugar não se fundamenta na experiência e sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço vivido, mas se constitui no par dialético entre o local e o global. Tais realidades diversas fazem-se presentes, também, no ensino.

As reflexões de um pedagogo e um geógrafo cujos estudos se pautam por constantes interligações, que perpassam o conhecimento, a criticidade, a liberdade e autoridade, a dialogicidade e uma práxis que é transformadora, servem para entendermos que o ensino deve, também, ser construído diante dos antagonismos existentes para a modificação de estruturas arcaicas inseridas no ambiente escolar.



O objetivo deste artigo é, assim, resgatar as reflexões de Freire e Santos, sobretudo no que concerne às realidades onde os sujeitos se inserem, para então considerar as possibilidades desta mesma reflexão no contexto do ensino de Geografia; à vista disso, também analisaremos como essas reflexões contribuem para que nossas identidades, papéis e objetivos como cidadãos onde o Lugar está em constante diálogo com o mundo cotidiano sejam pensados.

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida e discutida na oferta da disciplina “Organização de contextos escolares” do programa de pós-graduação stricto sensu em ensino da educação básica da Universidade Federal de Goiás, a partir das obras de Freire e Santos. De tal modo, essa pesquisa é de cunho teórico e foi elaborada por meio de pesquisa bibliográfica e documental. Espera-se que este trabalho possa servir como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam o ensino de geografia, a partir do Lugar dialógico político pedagógico de Freire e do Lugar relacional de Santos, suscitando novas discussões que propiciem uma maior consciência a respeito dos processos de constituição do ensino de geografia diante das diversas possibilidades que o espaço vivido oferece aos sujeitos.

O LUGAR DIALÓGICO POLÍTICO-PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DE FREIRE

A ciência do espaço, ao direcionar-se para o processo de ensino e aprendizagem, proporciona uma análise acerca de como são formadas as categorias espaciais, dentre as quais se inclui o Lugar. Pensar o espaço implica na reflexão sobre situações geográficas comumente analisadas à luz da categoria lugar. Este, vivenciado, experienciado e constituinte do lócus de educandos e educadores, é refletido no ensino quando os conteúdos são contextualizados, considerados dialogicamente associados, inseparáveis. O Lugar, no ensino, faz parte de uma realidade perceptível, contraditória e, portanto, passível de ser analisada no contexto escolar, pois é o objeto de reflexão, a ser conhecido e desbravado.

Suess e Leite (2017) retomam essa análise ao elucidarem, em um dos seus escritos, a importância do Lugar para a teoria de Freire. Segundo os autores, a valorização do Lugar, do entorno mais próximo do aluno, do que o educando já sabe são



marcas de uma teoria freiriana e precisam ser considerados no ensino de geografia. Somam-se, a isso, outros aspectos:

Os valores defendidos por Freire na educação, como humildade, sabedoria, respeito à diversidade, esperança, alegria, tolerância, curiosidade, diálogo, consideração aos sentimentos, emoções e sonhos, constituem-se atributos, que podem ser facilmente apropriados pelo processo de ensino-aprendizagem em Geografia (SUESS e LEITE, 2017, p.10).

Diante desse fato, Pereira (2003, p.20) atribui à Geografia no ensino importante função. Para o autor, o papel fundamental da Geografia no ensino básico é o de proporcionar aos alunos os códigos que lhes permitam decifrar a realidade por meio da espacialidade dos fenômenos, ou seja, sua função seria a de alfabetizar geograficamente o aluno. É a partir desse processo de alfabetização que se considera outra análise, a do letrar geograficamente, isto é, fazer a leitura do mundo que é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania e compreendermos os diversos sentidos do Lugar.

Letrar geograficamente é proporcionar aos educandos reflexões sobre o seu papel diante de uma realidade exclusiva para nela atuar, entendendo sua proximidade espacial ou seu distanciamento. É a leitura e entendimento do espaço geográfico e do lugar nele contido (CASTROGIOVANNI, 2012). Segundo Callai, esse aspecto é fundamental na medida em que proporciona a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente, e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005).

Nesse processo de ensinar e aprender, educandos e educadores desempenham papéis que dialogam entre si, estão interligados no saber fazer educacional. Para Shon (2000), é preciso que o professor pense sobre sua ação, planeje e elabore uma proposição de aula que esteja comprometida com a qualidade da aprendizagem. Desta forma, o educador torna-se reflexivo, consciente da sua ação, do que decorrem aulas que se pressupõem críticas e dialógicas, e alunos que também o são.

Sobre esse aspecto, Freire (1996) assegura que:



O principal objetivo no ato de educar é a formação de sujeitos críticos capazes de pensar e transformar o mundo em que vivem, sua realidade e sociedade, seu estar no mundo, considerando sempre a realidade onde os sujeitos vivem e as diversas possibilidades de transformação social advindas desse processo (FREIRE 1996, p 20).

Educar, para Freire (1996), não se resume a frequentar os bancos escolares, mas se relaciona à formação sujeitos capazes de modificar sua história e o mundo. Implicitamente, o lugar a que Freire se refere é o mesmo lugar a que este artigo se propõe analisar, isto é, a realidade transformada pelos sujeitos, na qual educadores e educandos estão inseridos. A criticidade dos sujeitos no ensino é necessária para o desenvolvimento de consciências e modificação das estruturas já enraizadas, como o educar descontextualizado, a prática professoral não reflexiva, o avaliar quantitativista, entre outros.

Ser professor, para Freire, vai além do processo de transferir conteúdos. É uma prática que deve reforçar a curiosidade do aluno, a sua possibilidade de formular críticas. Necessita-se, segundo ele, de alunos e professores que sejam críticos, questionadores, investigadores, humildes e persistentes (FREIRE, 2007). Para o autor, não se trata de uma qualidade a ser buscada, mas de algo que o educador faz em seu cotidiano. Em *Educação como prática da liberdade*, a concepção do professor enquanto pesquisador e reflexivo é recorrente. É assim que Freire constrói a sua concepção de ensino:

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro (FREIRE, 2007, p. 29).

O cotidiano do professor e do aluno é algo crucial para Freire. Há, nesses sujeitos, diversas possibilidades de compreender o ensino, de levantar hipóteses e indagações, de entender e encantar-se com a constante busca pelo aprendizado. Mais uma vez, o lugar assume importante função diante do ensino, representando a capacidade de buscar, indagar, intervir e conhecer o sentido do fazer educacional, bem como a possibilidade de transformar práticas, de buscar o desconhecido, de



conscientizar pessoas. Uma educação com esse viés freireano torna-se uma educação para a vida. Um ensino, nesse mesmo contexto, é aquele capaz de despertar o ser crítico na busca pela transformação social.

Educar para criticidade é, nessa visão freireana, algo que precisa ser repensado. Propõe-se, assim, algumas reflexões. As escolas consideram o lugar do aluno nos seus projetos? Os professores ressignificam os conteúdos diante de uma realidade indiferente aos livros? Os alunos são meros reprodutores de ensino ou seres conscientes da transformação que representam diante da sua realidade?

Pernambuco e Paiva (2005), ao observarem estas reflexões do contexto escolar, pontuam:

Compreender a realidade é reconhecer os nexos que se estabelecem entre esses diversos aspectos, da cultura, da ciência e da tecnologia e as formas como os sujeitos explicam, agem, avaliam e convivem com o outro, é entender que estas interligações transformam o ato de ensinar e aprender, ressignificam os métodos e dão significados a eles (PERNAMBUCO e PAIVA, 2005, p. 2).

São esses nexos que transformam o saber no sentido de atribuir-lhe significados. Educandos e educadores são corresponsáveis pelo ato de aprender e ensinar, pelas mudanças de que o Lugar – seja a escola, o bairro ou a cidade – precisa. Não se trata apenas de uma transformação a partir de uma realidade física, mas também cultural, social, política e econômica. É nesse mesmo viés que trabalhos como de Callai (2012), Carlos (2005), Carvalho Sobrinho (2018), Cavalcanti (2012), Leite (2012), Kaercher (2012), Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009) se pautam. Nas suas abordagens, esses autores consideram a importância do lugar no ensino de geografia para além da localização física, ao estabelecerem elos entre o que acontece no lugar em que vivem e o que acontece em outros lugares do mundo.

Em seus escritos, Freire (1996) ainda analisa a formação do professor que se pauta pelo lócus histórico e ideológico. Segundo ele, o professor, como ser participante do processo educacional, também é um sujeito ideologicamente formado, de modo que, quando ensina, não consegue deixar seus ideais do lado de fora da sala de aula. Nota-se, assim, que o Lugar, no ensino, é algo corrente e interdisciplinar, perpassando os aspectos formativos dos educadores, bem como potencializando a importância de educandos diante da realidade a ser modificada. O professor formado ideologicamente



não esquece as suas crenças, saberes e lutas. O aluno com essa mesma formação torna-se cidadão consciente do seu papel no seu bairro, na sua escola, na sua cidade, região, no seu país.

As reflexões do Lugar no ensino de Geografia são cruciais para o entendimento da realidade imediata, da percepção exterior, da construção da cidadania (CAVALCANTI, 2012). Tomando, até aqui, as ideias freireanas, o Lugar implicitamente descrito na obra do autor é um lugar de luta, contrastes, possibilidades, intervenções e ações, lugar que se coloca como político, ideológico. Quando Freire propõe educar através das palavras geradoras, vivenciadas por seus educandos, estabelece um claro vínculo com a cultura do ser no ensino. Em outras palavras, educar exige o posicionamento diante de uma realidade que muitas das vezes não é nossa, mas do meio. Os temas abordados pelo autor se vinculavam ao lugar em que seus alunos se inseriam, bem como as palavras geradoras vinham de um contexto que todos conheciam e no qual o processo de ensinar e aprender acontecia espontaneamente. Essa teoria da aprendizagem, portanto, pressupõe um agir centrado no aluno, no seu espaço, na sua realidade e é, por conseguinte, libertadora, crítica e dialógica. Segundo Mizukami (1986):

A busca do tema gerador objetiva explicitar o pensamento do homem sobre a realidade e sua ação sobre ela, o que constitui a sua práxis. Na medida em que os homens participam ativamente da exploração de suas temáticas, sua consciência crítica da realidade se aprofunda, seu conhecimento torna-se capaz de experimentar sua própria realidade (MIZUKAMI, 1986, p.100).

O refazer das práticas educativas tem em Freire (1981) uma grande contribuição: os diferentes lugares construídos por ele na opressão, na esperança, na ideologia são o que dá corpo a sua obra. Esse refazer das práticas não cabe somente à instituição Escola, mas a todos os envolvidos nesse processo: educadores e educandos, famílias, associações de bairro, agremiações estudantis, comércio do bairro (feiras, mercados), bibliotecas, entre outros. Nesses sujeitos, existem historicidades que precisam ser consideradas no processo de aprender e ensinar.

O lugar representa possibilidades concretas para pensar o ensino em Geografia e ressignificar os papéis que educadores e educandos desempenham no ambiente de sala de aula. Nele, as diferenças se entrecruzam, incorporam-se ao cotidiano dos sujeitos.



Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1981, p.3) evidencia o poder da libertação diante do ensino:

Como marginalizados, “seres fora de” ou “à margem de”, a solução estaria em que fossem “integrados”, “incorporados” à sociedade sadia de onde um dia “partiram, renunciando, como trãnsfugas uma vida feliz (...). sua solução estaria em deixarem de ser “seres fora de” e assumirem a de seres dentro de. Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram “fora de.” Sempre estiveram **dentro de**. Sua solução, pois, não está em integrar-se, em incorporar - se a essa estrutura que o oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”(FREIRE, 1981. p. 3).

Há, nessa afirmação, um claro compromisso com a transformação social. Isso pressupõe, também, um ensino que seja transformador, em que os marginalizados, oprimidos, possam participar, incluindo a consideração da realidade distinta daquela que existe. É nesse contexto que, segundo Freire, a pedagogia do oprimido terá de ser criada na práxis, entre educador e educando, diante da possibilidade de transformação da sociedade (FREIRE, 1981).

Os lugares dos excluídos representam um fazer educacional transformador, a possibilidade de modificar e construir novas estruturas capazes de ressignificar histórias. Posto que o meio oferece a base para estas mudanças, a escola e o ensino devem inserir-se neste contexto.

A pedagogia do oprimido, para Mizukami(1986, p.96) apud Freire(1981), é:

[...] aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homem ou povo, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Uma pedagogia que faça da opressão e de suas causas o objeto da sua reflexão, resultando daí o engajamento do homem na luta por sua libertação, por seu autoconhecimento, por sua práxis (MIZUKAMI, 1986, p.96).

Outras reflexões, pertinentes à temática do lugar no ensino de Geografia, estão implícitas em Freire, sobretudo na medida em que o autor considera o conhecimento informal dos sujeitos, o que trazem da sua cotidianidade. A geografia, como ciência do espaço, precisa considerar os agentes e atores que nele trabalham, transformam e sobrevivem. A escola necessita repensar o seu papel diante das contradições espaciais, e o ensino representa a possibilidade de, por meio da prática dialógica entre educandos e



educadores, considerar o lugar como ponto de partida. No lugar, emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si, tem a dimensão da vida (CARLOS, 1993).

O Lugar na escola e o Lugar do aluno na escola precisam estar em construção. Há que se pensar no contexto da escola, bem como no espaço vivido do aluno. Eles estão separados pela ordem física de uma rua, um quarteirão, um bairro, mas se unem pelo que representam, pelos anseios trazidos de um ambiente para o outro, pela sociedade de que fazem parte. Nesse sentido, ao se pautar pela análise do Lugar na Escola ou desse mesmo Lugar no contexto do aluno, é preciso observar os elementos nele inseridos: a inclusão escolar, as associações estudantis, a participação em conselhos escolares, os questionamentos pelos educandos a respeito da prática docente, a inserção da comunidade escolar nos projetos políticos pedagógicos, os ambientes educativos da cidade como museus, rios, cachoeiras, lixões, órgãos públicos, a tomada de consciência no ambiente escolar por meio de debates. Freire (1984) denomina essa capacidade de conhecer os outros na sua diversidade de capacidade ética universal do ser humano.

Pela interpretação da obra de Freire, o Lugar, no ensino de Geografia, é aquele no qual seus agentes agem, transformam, criam. É o lugar dialógico, crítico, construtivo, interdisciplinar, histórico, do autoconhecimento, da autonomia, da opressão, da libertação pela práxis da sua busca (FREIRE, 1984a). O ensinar, para Freire (1996, p.8), é carregado de uma série de exigências; nas suas palavras,

Ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabamento, reconhecimento do ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom-senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada de consciência de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e exige querer bem aos educandos (FREIRE, 1996, p.8).



Na obra de Freire, o homem é o sujeito da educação e, apesar da grande ênfase no sujeito, evidencia-se uma tendência interacionista, já que a interação homem-mundo, sujeito-objeto é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis (MIZUKAMI, 1986).

A partir desta interação que o homem estabelece com o mundo e com o seu contexto educacional, abrem-se possibilidades de percepção e compreensão de outras escalas relacionais. O Lugar não é um elemento isolado, o que se evidencia quando Freire relaciona o homem-mundo e o sujeito-objeto na constituição da sua práxis. O Lugar, no ensino de geografia, é integralizado, relacionado a outras escalas.

O LUGAR NO MUNDO E O MUNDO NO LUGAR PARA MILTON SANTOS

Para as reflexões do lugar no mundo e do mundo no lugar, tomar-se-á por base os escritos do geógrafo Milton Santos. Tais conceitos pressupõem uma globalização evidenciada pelo avanço das técnicas em escala planetária. As trocas comerciais advindas desse contexto reiteram as diferenças e semelhanças entre os lugares, e, assim, impõe-se a força do lugar, capaz de antepor-se, pela sua densidade humana, ao processo perverso da globalização atual. Neste sentido, o Lugar, diante do jogo desleal de forças, adquire significativa importância. Para Santos (2002a), cada lugar é, a sua maneira, o mundo. Assim, impõe-se a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar seus novos significados.

No ensino de Geografia, esse aspecto relacional torna-se necessário para que os sujeitos do processo educacional vislumbrem o lugar com a sua devida importância, na medida em que pressupõe que o interferir no espaço vivido traz também consequências em outras escalas. A práxis dessa interferência possibilita educar diante da globalidade e das diferenças econômicas, sociais, políticas presentes no espaço. Santos (2002a), assim, define o Lugar em sua obra “A natureza do espaço”:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. Todos os lugares se mundializam (SANTOS, 2012, p.322).



Fica evidente, em sua análise, que o lugar desempenha importante papel no contexto global, o de permitir cooperar com uma realidade complexa. Ao se mundializarem, as relações econômicas, culturais e sociais coexistem, se adaptam ao contexto em que se inserem, vinculam-se a uma realidade-mundo.

Outra reflexão trazida por Santos (2002a) é que o lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, as quais convivem dialeticamente. Existe uma preocupação com o lugar advinda principalmente do contexto econômico, que constitui a primeira base de um jogo de forças que se manifestam no lócus do trabalho, da formação e, quiçá, do ensino. O propósito da crítica construída por Santos sobre esta globalização dos lugares pressupõe um repensar sobre algumas questões: a que interesses atendem os lugares? Como a sociedade se organiza diante da invasão globalizante dos produtos? De que forma o espaço vivenciado pelos sujeitos é explorado? Que é, hoje, a consciência do lugar?

Na sua obra “Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal”, Santos (2015, p.83) responde alguns dos questionamentos aqui levantados e faz a seguinte reflexão sobre o que é esta realidade global:

Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas de informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade (SANTOS, 2015, p.83).

Segundo Santos (2014), na medida em que mudam as relações com o mundo, os lugares também operam esta mudança. O Lugar define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2014). No ensino de Geografia, é possível apreender que o Lugar, na perspectiva de Santos, seria a materialização da realidade mundo, e que a escola, como instituição global, também vivencia espacialmente estas contradições. A escola é a funcionalização do ensino e é através dela que o mundo é dialeticamente apreendido.

Os interesses nos lugares advêm do fato de que neles também se materializam as relações com o mundo, posto que são condição e suporte das relações globais.



Adquirem significações e importância por dotarem-se de capacidades econômicas, sociais e políticas e por estabelecerem vínculos com outros contextos. Definem-se tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional (SANTOS, 2014), isto é, ao mesmo tempo possuem caráter físico, com suas relações identitárias (cultural e social), mas também econômico, com os vínculos que se estabelecem com outras escalas (nacional, regional e global).

A escola, ao vincular-se ao lugar do aluno, necessita estar inserida nestas relações. Não se pode pensar um processo de ensino-aprendizagem sem a consideração macro que este espaço representa. Não se constitui um ensino desvinculado desses contextos. Sujeito e objeto no processo de ensino estão dialogicamente integrados e interligados. Daí a importância em compreender o que o lugar no mundo representa para a escola, qual a função do ensino nessa relação e como os sujeitos do saber vislumbram essas relações.

É desta forma que o lugar relacional proposto por Santos e a construção dialógica do saber vislumbrado por Freire se integram, permitindo que se conheça sujeito e objeto no contexto educacional, e que se adquira, conforme Santos (2014), não só a consciência do lugar, mas a consciência do mundo, obtida através do lugar.

Esta consciência do lugar no mundo e do mundo no lugar é o que torna o ensino capaz de voltar-se para os contextos em que se insere, dialogar com as relações que estabelece, fomentar críticas, buscar soluções para a realidade imediata e futura e estabelecer um constante contato com a prática vivenciada e observada por todos. Diante desse contexto, Santos (2014, p.163) propõe um novo sentido para o Lugar:

O lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser enxergada apenas como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas também, pelo que ainda não é (SANTOS, 2014, p. 163).

Nessa assertiva, há um pressuposto de que o lugar também se movimenta, estabelece relações e interações, se globaliza. Apesar de pressupor uma realidade imediata, também se vincula ao mundo, materializa-se nele. No ensino, este mesmo lugar também não é neutro, dialoga com outros sujeitos, pauta-se por um espaço de



vivência identitário, mas também pelas influências de outras escalas. Há, no ensino, um lugar que se pretende dialógico, crítico e fundamentalmente transformador; tem existência e, por isso, também é pelo tempo transformado. Tem sua história, seu espaço, sua ação.

O ensino de geografia, ao preocupar-se com o espaço em constante transformação, necessita observar também que estas mesmas modificações estão inseridas no ambiente do qual o sujeito faz parte, de forma que não se dissocia dos acontecimentos, não se isola no tempo e espaço. Pressupõe, sobremaneira, uma capacidade de estabelecer um diálogo constante entre o saber fazer educacional e o ser sociedade. É um ensino para possibilitar melhor compreensão dos antagonismos inseridos no lugar, na região, na paisagem, no espaço geográfico.

Esta inserção do ensino de geografia na sociedade aponta para a preocupação com a capacidade dos sujeitos de dialogarem com ela e com a realidade da qual fazem parte. Há a construção de uma proposta de ensinar que seja dialógica, crítica e transformadora, em que a práxis é constantemente trabalhada e reinventada. O ensino está inserido nesta realidade global, e não pode dela se dissociar.

Quando Santos aborda essa concepção de Lugar, implicitamente nela também se inserem outros contextos, tal como o ensino. Ainda que a proposta original de Santos seja considerar o lugar como algo relacional, também assim ele pode ser entendido no ensino, posto que dele dependem outros fatores, outros conteúdos, outras percepções espaciais que passam pelo antagonismo dos agentes econômicos, pelo *modus operandi* de se fazer educação no século XXI e, principalmente, pela capacidade dos sujeitos de compreenderem global, nacional e regionalmente a sua função diante das transformações advindas. Esta função não é reprodutora do que está posto, mas se pressupõe transformadora de uma determinada realidade.

Este lugar, segundo Santos (2014, p.170), assume um grande papel na produção da história:

A possibilidade de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. Onde cada lugar, é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente, tornando o espaço funcional (SANTOS, 2014, p.170).



Pensar o lugar enquanto objeto de uma razão global e de uma razão local significa dizer, de acordo com Santos (2014), que há uma funcionalidade espacial, uma tentativa de impor uma ordem global a todos os lugares, ao mesmo tempo em que esses mesmos lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.

O lugar vivenciado por educandos e educadores deve ser evidenciado a partir das relações de interdependência com a totalidade-mundo, na medida em que se integra a esta totalidade. Eis aí o grande desafio: auxiliar os alunos a construírem noções, conceitos e habilidades para compreenderem o lugar a partir de sua relação com o mundo, bem como entender o mundo na sua relação com o lugar (NASCIMENTO, 2012).

Quando se analisa os diálogos estabelecidos em Freire e Santos em relação ao ensino de geografia, por meio da categoria Lugar, observa-se uma constante busca pela contradição que o meio oferece, por meio da necessidade de se pensar no lugar do capital, no lugar da sociedade e na forma como seus agentes neles atuam. É preciso problematizar as práticas e considerar o espaço vivido dos sujeitos, suas historicidades e ações.

O diálogo entre os autores se amplia com a problematização do horizonte existencial do ser humano na sociedade contemporânea: sujeito social e cidadão, respectivamente. A aposta no Lugar como instância de resistência ao capitalismo: o contexto (Freire) e o cotidiano (Santos). Nas obras de Freire analisadas, a palavra *contexto* se destaca: contexto social, concreto, teórico, real, de empréstimo, local, tradicional, histórico, de vida, pedagógico, imediato, cultural. Para Santos (2002b, p.339), o cotidiano, relacionado ao lugar, representa outra relação existencial: “a ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a copresença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade”.

Em termos de postura teórica e metodológica, há um nítido encontro entre a pedagogia de Freire, chamada Educação Problematizadora, e a Geografia Crítica, de base marxista, da qual Milton Santos é um dos principais expoentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este artigo se propôs a compreender os sentidos do lugar para alunos e professores a partir das concepções teóricas metodológicas de Paulo Freire e Milton Santos. O objetivo principal foi investigar como o Lugar no ensino de Geografia está implicitamente presente nos escritos desses dois autores, e de que forma uma abordagem por esse viés pode, no ensino, contribuir para a construção de um saber crítico, dialógico, interacionista. Percebe-se que, ao atribuir ao lugar a sua devida importância, tem-se uma realidade vivida materializada, construída socialmente. O olhar sobre esse lugar, interconectado a outras escalas, permite entender as suas racionalidades, manifestadas nessa totalidade-mundo.

Compreender as vertentes críticas das teorias de aprendizagem, especialmente o viés libertador atribuído a Paulo Freire, é a base desse artigo, uma vez que o lugar como pressuposto não é neutro, mas construído, vivenciado coletivamente. O lugar no ensino assume essa rigorosidade metódica, essa constante reflexão crítica sobre nossa prática, que Freire abordou.

De outra forma, apesar de não apresentar uma tese para o ensino ou para a educação, as contribuições de Santos são fundamentais para essa análise. Destaca-se o papel da totalidade-mundo, dos avanços científicos, de uma globalização perversa e contraditória onde o lugar se relaciona e onde os agentes hegemônicos exercem seu poder. O Lugar se apresentaria, assim, como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.

A grande reflexão para o ensino é a necessidade de análise do lugar como dimensão do vivido, das contradições presentes a partir da dialética entre o novo e o velho, o interno e o externo, o local e o global. O lugar é, segundo Santos (2014), a entidade geográfica que apresenta a condição de oportunidades que oferecem ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz.

Ao propor um estudo do espaço, a Geografia não deve se dissociar dos conteúdos trabalhados na escola. O lugar é responsável por essa intermediação entre o processo de ensino-aprendizagem e a análise espacial, o que permite a construção de um ensino conectado à realidade vivida por alunos e professores, e torna o ensino em geografia mais próximo dos educandos, significando-o. Há, portanto, a necessidade de identificar nos contextos das escolas as diversas geografias do lugar, permitindo a aproximação dos conceitos estudados com a realidade vivida pelos sujeitos.



Por fim, acredita-se que a junção de pensamento teórico de Freire e Santos aplicados ao ensino de conhecimentos geográficos contribuem para um processo de ensino-aprendizagem que leve os alunos a compreenderem melhor a si mesmos e o mundo em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos atuantes no espaço por meio do lugar.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 27 Fev. 2018.

CARLOS, Ana Fani A. “**O lugar**: mundialização e fragmentação” in *Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1993, p.25.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo de. Geografia escolar e o lugar: a construção de conhecimentos no processo de ensinar/aprender geografia. **Geosaberes: revista de estudos geoeducacionais**, Fortaleza, v. 9, n. 17, p. 1 - 17, dez. 2017. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/625>>. Acesso em: 27 fev. 2018. doi: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i17.625>.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEITE, C. M. C. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professor de Geografia do ensino fundamental. 222 f., 2012. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ideologia e Educação**: reflexões sobre a não neutralidade da Educação, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____, **Sobre Educação** (Diálogos), vol.2, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____, **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p.20.



KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, p. 115-143, 2000.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, Lisângela Kati. **O lugar do lugar no ensino de Geografia: um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira- SP**. 2012. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012 PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e espaços: A Geografia no ensino básico. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 79, p. 9-21, 2003.

PERNAMBUCO, Marta Maria; PAIVA, Irene A. **Caderno Didático 1: pesquisando as expressões da linguagem corporal**. Natal: Paidéia/UFRN, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2012. São Paulo: EDUSP, 2002a.

_____. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2002b.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. 1.ed., 3ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2014.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Paulo Freire e humanismo em educação: contribuições a partir de uma perspectiva geográfica. **Geosaberes: revista de estudos geoeeducacionais**, Fortaleza, v. 8, n. 16, p. 94 - 105, set. 2017. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/598>>. Acesso em: 26 fev. 2018.